

A marginalização do índio é geral, diz d. Tomás Balduino

FERNANDO FOCH
Enviado Especial

MANAUS — O início do estudo da realidade indígena latino-americana, em grupos e depois em plenário, marcou os trabalhos de ontem do Primeiro Encontro de Pastoral Indígena Panamazônico, que está sendo realizado em Manaus, promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e pelo Conselho Episcopal Latino-Americano.

Os grupos obedeceram a nacionalidade dos 40 participantes e, no fim do dia, o plenário ouviu os relatos da situação na Bolívia, Equador e Colômbia. "A marginalização do índio é geral", afirmou dom Tomás Balduino, ao relatar as atividades e informar que o quadro brasileiro será o último a ser focalizado.

Enquanto clérigos e leigos se dedicavam a essa atividade no Centro de Formação da Maromba (palavra que o regionalismo faz significar local onde o rebanho é salvo das cheias), o primeiro encontro causava reflexos no meio político e por pouco não provocou agressões mútuas de vereadores da Câmara de Manaus.

Isso aconteceu quando o MDB, aproveitando-se de uma maioria ocasional, aprovou requerimento convidando para uma palestra os bispos prelados de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, de Goiás Velho, dom Tomás Balduino, e do Acre, dom Moacir Grecchi, além do arcebispo coadjutor de Manaus, dom Milton Correia, todos participantes da reunião da CNBB e do Celam.

Ao abrir a primeira sessão de ontem, dom Roger Aubry, da Bolívia e presidente do Departamento de Missões do Conselho Episcopal Latino-Americano, disse que "a atitude básica do encontro é a humildade ante o vasto problema da Pastoral Indígena na área imensa da Amazônia", agravado com a falta de conhecimento que há entre as missões dos vários países.

Mais tarde, falando a um jornalista, o bispo, cuja nacionalidade é Suíça, disse que esse fato se deve a vários motivos: a vastidão amazônica, o grande número de grupos étnicos, as dificuldades de comunicação" e a tendência que há em todos — na Igreja, inclusive — de se dar maior atenção à quantidade, ou seja, às regiões onde são maiores a densidade demográfica e a força econômica."

"No entanto, há muito o que aprender com os índios. São homens ligados à ecologia. São homens que tem o rio, a vegetação, o céu, são homens que se relacionam com as estrelas... Nós, civilizados, temos muito a aprender e aproveitar dessa cultura. Nesse ponto, o encontro tanto será benéfico ao índio, porque se visa uma pastoral que o promoverá, como ao civilizado..."

Ainda ao plenário, ele citou longo trecho de uma carta que um chefe indígena pelevermelha, Scolth, enviou, em 1855, ao presidente dos Estados Unidos. Segundo o prelado, com esse documento se pode estabelecer uma analogia com a situação atual do índio amazônico: desamparo e deslocamento ante as várias políticas de ocupação territorial e seu aproveitamento econômico.

SITUAÇÃO

O presidente do Conselho Indigenista Missionário, dom Tomás Balduino, bispo prelado de Goiás Velho, resumiu os relatos boliviano, colombiano e equatoriano. Deve-se mais no que remete à Bolívia — 40 grupos indígenas em sua região amazônica, 15 dos quais em extinção, com um contingente igual ao do Brasil: de 120 a 130 mil pessoas.

"A marginalização é geral — Equador, Bolívia e Colômbia. Na Bolívia, por exemplo, existem leis em relação aos índios feitas pelos brancos, porém, quem tem os títulos das terras não são os índios, marginalizados e analfabetos".

"Na Colômbia — prossegue — os índios estão perdendo a cultura e há uma situação de complexo de inferioridade. Envergonham-se de sua condição. E algo que parece irreversível. E eles se tornam elementos que não são índios, nem brancos."

Depois de dizer que na Bolívia o índio está sendo atraído para imediações das cidades, especialmente Santa Cruz, pelas atividades agrícolas, "o que causa um desequilíbrio social", Dom Tomás Balduino disse que, "com relação ao Equador, o que está acontecendo de pior para eles é a exploração petrolífera, que destrói a família do índio".

Explica o prelado que o índio que se engaja como operário nas atividades de extração e prospecção de petróleo tem sua cultura corrompida pelos meios de consumo. Ao retornar não mais se adapta ao grupo de origem e à família, que encontra em estado de pauperismo.

A presença de um índio como observador — o chefe bororo Lourenço Rondon, que reside na região Meruré, em Mato Grosso, está causando apreensões a dom Milton Correia Pereira, arcebispo coadjutor de Manaus e um dos participantes do Encontro de Pastoral Indígena na Panamazônica: passada a preocupação causada pelo atraso de Dom Casaldáliga, ele teme que a Funai tente interferir e até suspender a reunião.

Além do índio, que perdeu um sobrinho no episódio em que foi assassinado o missionário Rudolf Lunkenbein e que em abril último recusou a medalha de mérito indigenista, da Fundação, há outro observador: o reverendo José Chipenda, protestante angolano que representa o Conselho Mundial de Igrejas.

O reverendo Chipenda é responsável, no conselho sediado em Genebra, pelo setor que trata de problemas atinentes às minorias étnicas em todo o mundo.

Apesar da precariedade da assessoria de imprensa do encontro, soube-se que a Fundação Nacional do Índio solicitou permissão para participar. O pedido foi rejeitado, apesar de um telex de dom Aloísio Lorscheider, presidente da CNBB, recomendando total abertura a quem quisesse assistir aos trabalhos.